

SÓTÃO E PORÃO: O “EXÍLIO” EM LYA LUFT

Renata Lopes Pedro (UFSC)

Este trabalho tratará da análise do “exílio” em quatro dos romances de Lya Luft: Segundo Edward Saidⁱ, existem duas formas básicas de se ver o fenômeno do exílio: o exílio como punição política contemporânea, que Said liga diretamente ao nacionalismo e às guerras e desavenças por ele provocadas, e o exílio como um estado subjetivo do ser, um estado espiritual de solidão, de incompreensão num meio estranho, de isolamento e deslocamento.

Sendo neste segundo sentido que pretendemos analisar o “exílio” das principais personagens dos romances citados acima, as quais parecem sentir-se “estrangeiras” em seu próprio mundo, sendo considerado estrangeiro, para Julia Kristeva, não o intruso responsável pelos males da cidade, nem a vítima romântica de nossa própria preguiça habitual. O estrangeiro habita em nós, é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. “(...) o estrangeiro começa quando surge a consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.”ⁱⁱ

Portanto, é com base nas idéias acima e pensando o espaço do sótão e porão como refúgios do “exilado” que trabalharemos com as seguintes obras: **As Parceiras**, **A asa esquerda do anjo**, **Exílio** e **A Sentinela**.

Em **As Parceiras**, primeiro romance de Lya Luft, lançado em 1980, temos como personagem principal Anelise, cuja vida está à beira do caos, que busca no passado as razões para seu infortúnio e encontra coragem para enfrentar os fantasmas que a perseguem, como a avó Catarina, a primeira a se “exilar” no sótão do casarão.

De volta ao casarão onde a família passava os verões, Anelise se vê perante lembranças de outro tempo que se confundem com o tempo presente. A narradora tem medo da casa, das vozes na cozinha, do barulho do vento nas frestas e, principalmente, do sótão, que na verdade, enquanto espaço físico, não existia naquele chalé onde ela se encontrava, mas que era um lugar proibido e de confinamento. Neste romance vamos encontrar vários “exílios”, pois todas as personagens femininas daquela família se exilam e se anula por algum motivo. Começemos pela avó Catarina, de descendência alemã, que é praticamente obrigada a casar aos 14 anos com um homem mais velho que ela e que depois de algum tempo passou a lhe causar náuseas. Catarina então recria no sótão do velho casarão onde morava um ambiente de menina, como se sentisse falta de sua infância e quisesse ali viver só de lembranças boas, as quais se dissipavam quando o marido vinha vê-la e a deixava novamente grávida. Anelise, logo no início do romance, recorda a única vez em que entrou naquele quarto enquanto a avó estava viva, e a impressão que teve, a qual citamos abaixo.

Chamavam de sótão a esse quarto do terceiro piso do casarão, com um banheiro e a sacada. Combinava bem o nome: uma palavra triste e sozinha. A porta rangeu como estas velhas madeiras agora, mas em vez de maresia pairava ali um cheiro forte de alfazema.

A mulher de branco, moradora do sótão, voltou para nós um rosto interrogativo. Parecia alegre por nos ver mas também assustada como se não soubesse o que lhe trazíamos: o bem, o mal.ⁱⁱⁱ

Catarina vive naquele sótão e só raras pessoas lá sobem para levar-lhe comida, limpar o quarto ou visitá-la. Até que um dia, não agüentando mais, se joga da sacada, suicidando-se e libertando-se de seu “exílio”.

A segunda “exilada” é Norma, filha de Catarina e mãe de Anelise, que, enquanto viva, enfrentava devaneios, momentos de ausência e total dependência do marido que fazia tudo por ela, tentando, em vão, tirá-la de seu mundo de sonhos. Numa dessas tentativas, quando ambos viajam, ocorre um acidente e Anelise e sua irmã Vânia ficam órfãs e sob os cuidados da tia Beatriz, também em “exílio”, como veremos mais adiante. A vida de Anelise enquanto os pais estavam vivos não era ruim, mas cheia de limitações devido ao problema da mãe, nos diz ela em um de seus momentos de lembranças de seus “fantasmas”:

Não era má a vida em nossa casa. Era esgarçada, para mim, como se não fôssemos uma família de verdade. Meus pais eram bondosos e tranqüilos mas distraídos. Talvez sentissem a brevidade do seu prazo, a felicidade precária precisava ser tão protegida quanto minha mãe, que sobrevivia apenas assim, pairando pela casa, quase ausente, acompanhando um pouco à distância a vida das filhas e os acontecimentos domésticos. Nunca podíamos correr, gritar, discutir na frente dela. Tudo a perturbava, começava a chorar, recolhia-se ao quarto, me deixava louca de remorsos. Acostumei-me a controlar o desejo de rir alto, de cantar aos gritos, de correr pelo pátio. Inventava uma vida de mentira para meus pais verem. Mas levava por dentro uma exigência só minha, um universo de fantasia: criava personagens, companhias, gostava particularmente dos anõezinhos engraçados e espertos que rolavam comigo na grama, faziam toda a sorte de travessuras, habitavam uma casinha diminuta de João e Maria visitando a bruxa, com barômetro na cumeeira, pendurada no meu quarto.^{iv}

A vida se Anelise sempre envolveu perdas e silêncios, a irmã, bem mais velha que ela, não lhe dava bola e os pais como vimos acima pareciam viver em outro mundo, sobretudo a mãe, por isso a menina criava seus amigos, seu mundo, sua vida imaginária. Quando os pais morrem e ela e Vânia passam a morar com a tia, esta última apressa o casamento para se livrar das regras da tia, mas Anelise, mais nova, não tem a mesma sorte e passa a viver amargos anos sob o comando da tia: “Vânia casada, iniciei anos amargos sob o comando de tia Beata na casa habitada por velhas e fantasmas. Sentia crescer revolta, o desejo de liberdade, de desafiar os padrões estreitos e frios de minha tia. A Beata. Voz alquebrada e pobre.”^v

As mulheres da família, na opinião de Anelise, a princípio, eram mulheres que nasceram para sofrer, coisa que ela só entenderá mais tarde quando reviver suas lembranças e conviver com seus fantasmas. Voltemos a tia Beatriz, ou tia Beata, como era conhecida, mais uma mulher malsinada e “exilada”. Anelise dizia que o que sentia por essa tia era pena e não amor e isso porque Beatriz casara-se e tornara-se viúva em três semanas porque o marido não conseguia consumir o casamento e acabou suicidando-se com um tiro na cabeça. Somente quando cresce um pouco é que Anelise passa a entender o porquê da amargura da tia. Após a morte do marido, Beatriz passa a viver somente para Deus, para a mãe louca e depois que a mãe morre para a irmã anã,

Sibila, última criatura a sair do ventre da avó Catarina. Anula sua vida em prol dos outros, tornando-se amarga, rígida e fria.

A quarta mulher “exilada” é Vânia. No entanto, não transparece seu sofrimento com tanta facilidade, casa-se e passa a viver bem, com seus luxos e desejos realizados. No início não tem muito contato com a irmã, mas Anelise, em certos momentos, sente que a irmã não vive bem, tendo certeza disso quando esta lhe confessa que antes de casar o marido lhe disse que não queria filhos, pois não poderia arriscar a ter um filho com uma mulher que vinha de uma família de loucas. O marido passa a traí-la e ela vive em sua solidão, tentando mostrar que tudo é perfeito.

E, finalmente, o “exílio” de Anelise, que volta ao Chalé, após a morte do filho que tanto desejou, para tentar se encontrar, tentar entender-se e, conseqüentemente, entender as mulheres de sua família. Suas primeiras lembranças são da amiga Adélia que morre ainda jovem, jogando-se de um penhasco que havia perto do Chalé onde as amigas passavam suas férias. Ao conservar o Chalé é como se Anelise conservasse também as lembranças do passado. Diz ela:

Passei aqui muitos dias deliciosos quando Adélia e meus pais eram vivos. Hoje só eu me interessando em conservar o Chalé, que a caseira abre de vez em quando para espantar o cheiro de mofo. Aparentemente nada mudou, nem a cor da madeira. Só que agora as paredes rangem mais. É como se a vida fosse um jogo em que as peças mudam mas as jogadoras são as mesmas. Incógnitas.^{vi}

Da varanda Anelise olha para o morro, onde há um cemitério: “Há os mortos no morro e outros no meu cemitério particular da memória: como num sótão, me fazem companhia sem serem vistos. Murmuram, chamam. Cada vez me atemorizam menos: já sou quase um deles.”^{vii} Desde que chegou pensa em subir ao morro, mas a vontade ainda não veio e ela permanece em sua rede na varanda, junto com seu São Bernardo. Quem olha de fora pode pensar que ela não tem o que fazer, mas ela tem muito o que fazer, tem que descobrir como tudo começou, porque acabou, precisa entender o que aconteceu com sua família de mulheres doidas e com ela mesma, precisava se descobrir, entender-se e entender porque tanto sofrimento e infelicidade. È da varanda também que ela vê, volta e meia, uma mulher apontar o morro, mulher que ninguém sabe quem é.

Desde que estou no Chalé ainda não chorei por mim, mas hoje chorei por Catarina, cuja sorte, embora diversa da minha, nos aproxima tanto. Choro pelos acoitados, os desamados, os dúbios, que não conseguem amar dentro do esquadro alheio.

Aqui da varanda vejo um entardecer macio. O mar fingindo não ter segredos, nem outras vozes que não as dele. Hora de solidão. Eu queria solidão para não ferir aos outros nem ser machucada. Arestas demais. Agora, moça, você tem sua solidãozinha, com a caseira, o cachorro e a veranista que volta e meia aponta no morro. Um bando de mulheres sozinhas e doidas.^{viii}

Todas as lembranças de sua vida aparecem nesse curto espaço de uma semana. Anelise sente necessidade de subir o morro, visitar seus mortos, descobrir quem era aquela mulher misteriosa que sempre apontava no alto do morro. Refugiar-se em seu “sótão” imaginário, como tantas vezes fez em outras situações, como quando engravida

pela quinta vez e não tem nenhuma ameaça de aborto, conforme aconteceu em suas outras quatro gravidezes, fazendo-a acreditar que algo de errado existia em sua família, que talvez o marido de Vânia tenha razão em não querer filhos com o sangue daquela família de doidas. Mas, desta vez, a felicidade de Anelise parece completa, o filho que ela tanto desejou chegou, mas mesmo tendo uma excelente gravidez ela se apavorava, criando em torno de si um “sótão”, onde habitavam todas as mulheres de sua família.

Gravidez excelente. Nenhuma ameaça de aborto; eu podia sair de casa desde que não me cansasse, meu corpo estava tão bem quanto minha alma estava encolhida e apavorada. Fizera um sótão para mim mesma, com traves, madeirames, tijolos tirados das escuridões desde a minha infância. Ali moravam as mulheres da minha família; meus mortos; um adolescente que criava bichos-da-seda, suspeito de não ser muito viril, mas que me ensinara a beijar e a vibrar no corredor sombrio; pedaços de gente perdida no mar, nas pedras, fragmentos, alusões, esboços de anjos ou de monstros. Bila. Vozes na sombra.^{ix}

No entanto, a alegria da chegada desse filho acaba quando Anelise descobre que o filho, Lauro, ou Lalo como ela o chamava, sofreu uma lesão cerebral na hora do nascimento e só viveria, no máximo, dois anos. Ela então novamente passa a “exilar-se”, desta vez em seu quarto, sempre ao lado do filho, acabando ainda mais com seu casamento com Tiago. Nesse tempo, mais do que nunca, ela se sente próxima de sua avó, pois também Catarina tivera uma realidade insuportável a enfrentar, e assumira aquilo a seu modo. Não se trancou no sótão, como a avó, porque no apartamento não havia sótão e porque não podia deixar seu filho, teria de levá-lo junto, e tudo continuaria na mesma: “Meu sótão era eu mesma: quase não saía de casa, não me afastava da cama de Lalo. Não comentava sua doença com ninguém, procurava não ter de mostrá-lo a nenhuma amiga; a princípio elas vinham condoídas, mas meu mutismo acabou afastando quase todas”^x.

Com a morte do filho, Anelise não se desespera, mas sente vontade de sumir num buraco fundo e quieto. Dormia, pensava, tomava comprimidos e voltava a dormir de novo. Semanas depois da morte do filho escreve a Tiago dizendo-lhe que só voltaria do Chalé no domingo e que quando voltasse seria para falar em separação. Foi para o Chalé pensar, ficar sozinha, repassar o filme de sua vida, avaliar o jogo, encontrar suas parceiras, ou melhor, sua parceira de sofrimento, a avó Catarina. Antes que adormeça na sexta-feira, cai uma tempestade, fecha uma veneziana que batia aflita, um vulto passa correndo, meio agachada na ventania, braços erguidos protegendo a cara. Percebe que é a veranista do morro que não deve ter percebido a tempestade se aproximar. Depois se deita no abrigo dos lençóis, só as tábuas rangem, a chuva e o mar têm vozes familiares. “Se a gente pudesse calar o pensamento, voz do sótão.”^{xi}

No dia seguinte, resolve subir o morro para procurar pelo cachorro que não havia voltado. Não o encontra, mas senta-se a beira do penhasco e começa a pensar em seus fantasmas.

Quem sabe faço do Chalé o meu sótão. Uma doida a mais não pesa nessa família. Fico morando aí com Bernardo, ele volta logo. Nazaré vai precisar de trabalho, tem filho para criar. Nas paredes, vou pendurar uns esboços

daqueles anjos de tia Dora, guardei alguns, são lindos. Perfeitos. Minha tia pinta monstros depois de desenhar anjos. Mas todo mundo compra as telas, põe na parede, olha: tão verdadeiros, os crânios calvos, as caras descosidas.
- Família de perdedoras, tiazinha.^{xii}

Absorta em seus pensamentos, não percebe que um vulto se aproxima dela, quando percebe levanta a cabeça e quase perde o equilíbrio. A sombra era a da veranista, que tinha o rosto na sombra, o sol às costas, a cabeleira parecia uma auréola. Ali estava a sua companheira de solidão. Quer se levantar, dar a mão, ser gentil. Uma rajada forte de vento ergue as roupas dessa mulher misteriosa que roçam em Anelise, trazendo um odor de alfazema. De repente ela percebe quem é essa mulher, sua avó Catarina, que a esperava por todo esse tempo. Ela e a avó descem o morro de mãos dadas e finalmente, perante esse devaneio, Anelise percebe quem é, se encontra e passa a entender que ela conseguiu ir em frente, mesmo depois de todos os sofrimentos, coisa que a avó não conseguiu fazer, era ela quem precisava acabar com a malsina das mulheres da família. Parecia a avó, mas não precisaria “exilar-se” para sempre, viver para sempre com seus fantasmas. Esse reencontro consigo mesma nos mostra a libertação de Anelise, deixando para trás todas as poeiras de seu “sótão”.

O segundo romance a ser analisado é **A asa esquerda do Anjo**, lançado originalmente em 1981, mostra como o orgulho, a hipocrisia e o ressentimento são componentes fatais do universo familiar e social. Em todos os seus romances, a autora denuncia o jogo de poder em família e amores, a hipocrisia, a frieza e a opressão que aniquilam vidas, trabalhando com as fraquezas e os impulsos mais obscuros que movem a alma de qualquer ser humano.

A personagem principal deste romance se chama Gisela e é ela quem conta a história de sua família, seus segredos – escondidos metaforicamente em uma portinha no porão^{xiii}; as mortes dolorosas e o anjo que guarda o mausoléu dos Wolf e que Gisela, por vezes, deseja que ele se transforme em um anjo e a liberte daquele “exílio”: “O Anjo do Jazigo bem que poderia transformar-se no príncipe que me despertaria para uma vida diferente. Longe de tudo que me afligia: minha avó, minha solidão, meus defeitos, incertezas, pesadelos.”^{xiv}

Neste romance encontramos também os anseios e a culpa que a impedem de viver uma relação amorosa; a busca incessante pela aprovação em um lugar onde ela jamais seria igual aos outros, criando dentro de si uma “criatura” que deveria parir a qualquer momento, vomitando assim todas as suas angústias e sentimentos de “exilada”: “Respiro fundo. A criatura se contorce dentro de mim. Vou aguardar mais um pouco. Reunir coragem; desta vez não adiantam fuga nem evasivas. Nem sonho. Enquanto isso, lembro.”^{xv}

Lembra de sua vida de “exilada” dentro daquela família germânica em que ela se sentia “fora de ritmo, com o corpo miúdo, as orelhas grandes teimando em aparecer por entre o cabelo que me obrigam a usar bem curto, ‘assim fica mais forte’. Também sou canhota e não conseguiram me corrigir.”^{xvi}

Gisela sofre por se sentir exilada em um mundo comandado por sua avó, a temida e autoritária matriarca Frau Wolf, mas não seria também ela uma “exilada”, pois vivia sua solidão e seus sofrimentos particulares?

Minha avó raramente participava de qualquer discussão sobre a guerra, nazistas, judeus, conflitos que incendiavam alguns de nossos parentes.

Primeiro, porque Frau Wolf não discutia: suas idéias, e os outros as aceitavam ou eram desprezados pelo seu silêncio e um leve repuxar da boca.

(...)

Uma grande solidão, a de Frau Ursula Wolf. E contagiava um pouco a nós que a rodeávamos, insinuava-se até em nossa casa onde minha mãe permanecia aparentemente intocada por aqueles conflitos: os dela eram outros.^{xvii}

Dividida entre a obrigação de seguir as duras normas da educação alemã e a vontade de ser como as outras crianças, admirando a mãe, uma “intrusa” que tenta se integrar na família “germânica”^{xviii}.

Minha mãe sentava-se na poltrona de couro, negro como seus cabelos. Era uma mulher doce e alegre; eu raramente a via alterada ou zangada. Sabia manter a serenidade mesmo diante de certas observações mordazes da sogra, que sempre a considerara uma estrangeira.

Mas em certos momentos nas reuniões da família Wolf eu surpreendia minha mãe distante e alheada, como tio Stefan. Talvez pensasse em sua cidade, em outro ponto do Brasil, onde moravam os pais e muitos irmãos, que eu não conhecia. Um lugar ensolarado e feliz, que ela deixara ao se casar com meu pai e vir para o Sul, tentar adaptar-se a clima e costumes tão diferentes.^{xix}

Assim, a menina cresce ambivalente, censurada pelo olhar crítico da avó e sentindo-se à sombra da prima, a preferida e perfeita Anemarie, até o momento em que esta foge com o marido da tia, o tio Stefan a quem, por vezes, Gisela imaginava ser também um “exilado” dentro daquela família.

O nome de minha prima, bela como eu jamais haveria de ser. Anemarie, a predileta da família, cabelo dourado caindo até os quadris quando os destrançava. A neta amada de Frau Wolf estudava num internato longe e eu raramente a via. Mas quando chegava, a vida em casa de nossa avó se transfigurava – e eu acreditava que o mundo podia ser belo.^{xx}

Em certo momento, Gisela começa a namorar Leo, filho de uns amigos da família, apaixonada-se e noiva com ele, mas após ver Tio Ernst, marido de sua tia Helga, de calças arriadas tentando ter relações com sua tia doente, fica coberta de nojo e deseja terminar o noivado, mas como não quer fazer o rapaz sofrer acaba adiando o casamento em virtude das mortes na família, primeiro de sua tia Helga e depois de sua mãe. Com a doença do pai, adia novamente, até que seu noivo morre em um acidente de carro e Gisela sente, de vez, necessidade de expulsar de dentro de si aquela “criatura” que a atormentava desde a adolescência, precisava sair desse “exílio” em que viveu toda a sua vida: “ Criei coragem, estou me libertando: boca ferida, maxilares travados, nem querendo poderia voltar atrás, como num parto: a mulher não pode recolher o filho, fechar o corpo, acabou-se a encenação.”^{xxi}

E, finalmente, ela consegue se libertar desta “criatura” que tanto a aterrorizava, mas continua perguntando-se onde é seu lugar no mundo e no seu quarto restam apenas

ela e essa “criatura”, ou seja, seu “exílio”, do qual é preciso se libertar, achando seu lugar no mundo.

Meu corpo começa a agitar-se, descontrola-se, procuro apoiar os cotovelos no chão, não acerto posição nenhuma, só quero que ele saia, vem, maldito, vem, vem, vem, quero gritar, mas só penso, ouço meu próprio estertor, gemidos sufocados, seu Max com vozinha de mulhe gania, vem, vem.

E ele vem.

Enche minha boca, sai em borbotões, retorcemo-nos os dois, tenho medo de morrer, não quero morrer – eu que sempre me preservei.

Ele rasteja na minha língua. Fecho os olhos, não suporto a visão. O que estará saindo de mim?

Num espasmo de vômito consigo expelir o resto de uma só vez. Como coube em mim essa coisa imensa, compridíssimo o meu habitante? Que comunhão foi a nossa?

Estou livre.^{xxii}

Em **Exílio**, escrito originalmente em 1987, encontramos a história de uma busca: a procura da mãe que se mata quando os filhos são pequenos. Partindo desse doloroso universo, Lya Luft nos apresenta uma personagem cheia de conflitos que passa a viver em função desse resgate. Personagem esta que não tem nome.

Nossa personagem-narradora é guiada por um anão, que muito habilmente a autora nunca deixa revelar se é real ou alucinatório, mas que em nosso entender trata-se do inconsciente de medos, desejos e vontades não realizadas, pois ele faz parte da sua infância, desaparecendo após o suicídio da mãe e só reaparecendo quando nossa narradora vai morar na Casa Vermelha: “Nem se percebe quando vai ou vem: está sempre por aí. Companheiro de infância, engraçado e sinistro, que perdi por tantos anos e vim reencontrar na Casa Vermelha.”^{xxiii}

Ela procura entender quem é, vivendo na Casa Vermelha, uma pensão decadente, com uma fauna de anti-heróis: “O cascalho do tempo escoo na memória: conto fatos da minha vida como quem contasse carneiros. Só que não quero dormir: preciso estar lúcida para desatar o nó do meu destino emperrado e complexo.”^{xxiv}

Na Casa Vermelha, conhecemos as Moças apaixonadas uma pela outra; a vizinha senil; os jovens estudantes frívolos, contrastando com o drama geral; o irmão louco e seu enfermeiro; a dona da pensão, que ninguém vê, conhecida por Madame, presente-ausente como a mãe da narradora. Aparentemente, os moradores da Casa Vermelha não têm ligação uns com os outros, são desgarrados que vivem ali, exilados de corpo e alma, cada um com sua pungente história pessoal.

A Casa Vermelha carrega em seu bojo roído pelo tempo habitado de ratos e infectado de angústias, toda uma raça de exilados. Cada um com sua grande nostalgia, sua insaciável sede e sua aflição, tentam adaptar-se como podem. Uns isolam-se mais ainda, como a Mulher Manchada em sua pele de renda; outros dando valor ao mais banal gesto de cordialidade, como as Moças com seu drama secreto; a minha Velha, cada dia absorvendo-se mais em sabe Deus que memórias ou esperas. Nessa idade acho que a gente só tem

memórias; agachada num presente adusto e calcinado, contempla o passado vivo.^{xxv}

Nessa estranha e nova família, nossa personagem vai tentando se equilibrar entre a esperança frenética e o chamado das sombras: a mãe suicida, o irmão demente: “Nestes dias tenho sempre companhia no espelho sobre a cômoda. Não olho para lá a não ser raras vezes, e minha mãe passa ali no fundo, vagarosa; olhos de bruxa, e uma atração que me arrastaria a um abismo se eu me aproximasse dela.”^{xxvi}

A narradora busca entender o porquê do suicídio da mãe e ao vê-la no espelho, temos a impressão de que ela tem medo de acabar como a mãe, tanto que em certo momento, quando não vê mais solução, quando já havia abandonado Antonio por não conseguir viver com seu filho doente, pensa em se matar, mas não com um tiro como a mãe, mas enchendo-se de remédio: “Seguro nas duas mãos o frasco de bolinhas coloridas, como quem agarra uma vela para morrer. Elas são tudo o que me resta, e por que não? Talvez assim minha mãe esteja me acolhendo afinal.”^{xxvii} Assim como Anelise buscava a avó, a narradora deste romance buscava a mãe, mulheres que haviam, ambas, se suicidando, a primeira atirando-se da sacada do sótão e a segunda dado um tiro abaixo do seio.

No entanto, nossa narradora não consegue alcançar seu objetivo, pois quem toma seus comprimidos é o anão, que como dissemos acima, entendemos como a consciência dela cheia de medos e desejos não realizados. Logo, acabam-se aqui os medos da personagem que sai em busca de sua vida, entrando na “floresta” que tanto a amedrontava.

Não me quis a morte: o Anão assumiu todo o meu espaço dentro dela. Fiquei fora. Mas posso me aninhar num regaço transitório entre essas raízes cúmplices, no chão eterno. Auscultar o coração emaranhado das coisas, que empurra as torrentes da vida e da morte que nos levam. Talvez eu não consiga chegar em casa. Talvez, chegando, eu não possa ficar. Quem sabe? Mas eu vou seguir em frente.^{xxviii}

Portanto, sua vida parecia um espelho da Casa Vermelha, decadente e misteriosa, mas que ela, por fim, tenta refazer, trilhar um novo caminho, deixando para trás todos os medos e angústias. Deixando para trás esta Casa cheia de mulheres sem nome e com seus problemas. Nesta tragédia contemporânea, mais um drama existencial tão de seu gosto, Lya Luft acentua seu interesse, sua compaixão, e sua perspicácia diante das dolorosas vivências humanas: a solidão, a morte, o amor, o vício, o assombramento e o desencontro.

Em **A Sentinela**, publicado originalmente em 1994, Lya Luft mais uma vez usa uma casa como cenário; uma casa-labirinto, na qual uma mulher, Nora, procura a saída, mas também tenta se decifrar ao longo do caminho e acaba se encontrando. Rejeitada pela mãe, vivendo sua infância entre poucos momentos de afeto do pai e pequenas maldades da irmã, Lilith, a queridinha da casa.

Quando minha mãe se cansava de mim, eu sabia: seria desterrada um fim de semana ou mais no sítio onde nossas roupas ficavam desfraldadas, e eu me sentava num banco olhando a paisagem desolada, Lino me espreitando

de longe com seu olho de peixe morto, esforçando-se por erguer o corpo que um destino cruel dobrava em dois.

Eu sabia que meu pai nunca voltava atrás quando Elsa, minha mãe, o persudia a fazer qualquer coisa, insistindo com sua voz pipilante; e ela estava sempre cansada de mim, de minha rebeldia, de meu relaxamento.

Lilith ficava em casa: era a filha amada; dois anos mais velha que eu, quieta e dissimulada. Ela nunca era mandada embora nem por um fim de semana.^{xxix}

Ao desamor e abandono, que deixariam uma cicatriz profunda em sua alma, somam-se duas tragédias: o suicídio da irmã e a violenta morte do pai.

Com a precisão e a rapidez de um bisturi bem manejado, a lâmina maior encontrou os lugares certos, penetrou nos interstícios marcados e decepou a cabeça de meu pai.

Ela saltou além da porta, rolou indecisa, caiu pelos três degraus de pedra gasta em direção ao jardim e, bamboleando, sumiu na noite escura enquanto na casa tudo desabava com fragor de estrelas e trovões.

O corpo estrebuchava na soleira como uma das galinhas degoladas no pátio, que Lilith tanto gostava de olhar. Gritos, correria, horror.

Um uivo desumano explodiu por cima do resto: era a minha voz, que muitos anos depois soltaria o mesmo longo gemido arquejante nos braços de João, na hora do amor.^{xxx}

A vida de Nora é uma sucessão de esperas e buscas de que algum dia sua mãe começaria a amá-la; de preservar uma paixão que escorre entre seus dedos, de ter o apoio incondicional da meia-irmã^{xxxi}; de fugir de um casamento sem amor que lhe daria o seu bem mais precioso: o filho Henrique^{xxxii}. Este parece um doce menino, mas aos poucos revela que é sufocado sob os cuidados e paranóia da mãe.

Emaranhada nesta rede, Nora balança entre angústias e vazio. Até que decide tomar nas mãos as rédeas de sua vida e ser a senhora das suas escolhas. Assim, os personagens deste romance não estão mais exclusivamente tangidos por fatalidades, mas são também responsáveis por suas escolhas éticas, morais e emocionais.

Referências Bibliográficas

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LUFT, Lya. **As Parceiras**. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A asa esquerda do anjo**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Exílio**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A Sentinela**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Notas

ⁱ SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras; 2003, p. 46.

ⁱⁱ KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 9.

ⁱⁱⁱ LUFT, Lya. **As Parceiras**. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 12.

^{iv} Idem, p. 23.

^v Idem, p. 28.

^{vi} Idem, p. 15.

^{vii} Idem, p. 16.

^{viii} Idem, p. 46.

^{ix} Idem, p. 102.

^x Idem, p. 104.

^{xi} Idem, p. 121.

^{xii} Idem, p. 126.

^{xiii} “ Num canto, a portinha: tão baixa que por ela só passaria uma criança ou um anão. Ninguém parecia saber para que servia; ninguém se interessava por ela; ninguém possuía a chave. Se eu insistia muito, diziam que eu era intrusiva, mas que mania tem essa menina de imaginar mistério em toda parte!

Afinal nunca descobri o que havia atrás da portinha. Talvez ela ainda exista, embaixo do edifício. Minha fantasia de criança imaginava alguém aprisionado lá dentro, gritando sem ser ouvido. Ou algum ser monstruoso enrodilhado na poeira, alguma coisa sem feições.” (Idem, p. 45)

^{xiv} LUFT, Lya. **A asa esquerda do anjo**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 24.

^{xv} Idem, p. 10.

^{xvi} Idem, p. 11.

^{xvii} Idem, p. 23.

^{xviii} “Enquanto sigo aos tropeções pela trilha das escalas, minha mãe fala alemão, devagar porque essa não é a sua língua. Mas esforçou-se e aprendeu o suficiente para abrandar a desaprovação da nova família.” (idem, p. 14)

^{xix} Idem, p. 16.

^{xx} Idem, p. 13.

^{xxi} Idem, p. 107.

^{xxii} Idem, p. 108.

^{xxiii} LUFT, Lya. **Exílio**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 13.

^{xxiv} Idem, p. 16.

^{xxv} Idem, p. 42.

^{xxvi} Idem, p. 49.

^{xxvii} Idem, p. 170.

^{xxviii} Idem, p. 175.

^{xxix} LUFT, Lya. **A Sentinela**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 14.

^{xxx} Idem, p. 11.

^{xxxi} “ Olga, minha meia-irmã, filha apenas do mesmo pai, sabe atingir meus pontos fracos; ela foi o que conheci de maternal na vida. Cresceu sem mãe, foi rejeitada pela minha, que não aceitou esse estranho dote, fruto de um namoro de juventude de Mateus. Decidiram então que ela ia ser educada no internato, para onde foi quando eu nem tinha nascido e de onde saiu para viver sua vida, sem precisar suportar a dor miúda de ser controlada por Elsa.

- Bem que eu queria ter a sua energia, sua competência para viver – digo-lhe às vezes. Ela ri, joga a cabeça para trás, o jeito de Mateus, os belos dentes.

Essa é minha irmã Olga, guerreira da vida, ao contrário de mim, que sempre fui encolhida e enfezada. Hoje, sem os abraços de João, só diante do papel e das telas consigo delirar um pouco.” (Idem, p. 17)

^{xxxii} “ Henrique, que dorme no quarto lá em cima: única pessoa que julguei realmente minha, mas que a despeito de seu ar quase feminino não se deixa dobrar; que foge à minha ansiedade como João escapou de minha carência. De modo que talvez nesta nova fase de minha vida eu tenha de aprender os benefícios da solidão.” (Idem, p. 17)